



**Discurso e construção social da realidade numa ambiência de
mediatização profunda da sociedade e da cultura¹**
**Discourse and social construction of reality in an environment
of profound mediatization of society and culture**

Cassio Santos Santana²

Resumo: Buscamos, neste artigo, empreender esforços para aproximar noções a respeito da produção de discursos e construção social da realidade, em um contexto de novas formas de interações entre produtores e co-produtores de mensagens em meio às possibilidades abertas pelos processos de mediatização da sociedade e da cultura. Perseguimos a questão de como pensar a relação entre discurso e sociedade em um cenário de aprofundamento do processo de mediatização que implica numa complexificação da paisagem midiática. Para compreender de que maneira discurso e sociedade se articulam, optamos por trabalhar com a noção de cotidiano, de modo a teorizar, a partir das lógicas consentudinárias, o papel do discurso em um contexto de mediatização profunda da sociedade e da cultura.

Palavras-chave: Discurso. Mídia. Cotidiano.

Abstract: In this article, we seek to make efforts to approximate notions regarding the production of discourses and the social construction of reality, in a context of new forms of interactions between producers and co-producers of messages in the midst of the

¹ Trabalho apresentado ao V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS.

² Doutorando pelo programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (PosCom/UFBA).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

processes of mediatization of society and of culture. We pursue the question of how to think about the relationship between discourse and society in a scenario of deepening the mediatization process that implies a complexification of the media landscape. In order to understand how discourse and society are articulated, we chose to work with the notion of everyday life, in order to theorize the role of discourse in a context of profound mediatization of society and culture.

Keywords: Discourse. Mediatization. Everyday.

Neste trabalho, optamos por trabalhar com as contribuições de dois autores que, embora situados em domínios específicos no âmbito dos estudos do discurso, dialogam e intercambiam preocupações mútuas em relação à problemática do discurso e a construção social da realidade: Eliseo Verón e Norman Fairclough. O liame que supomos aproximar os dois autores é a ênfase, continuamente reiterada pelos dois em suas respectivas produções, na relação entre o textual e o extratextual, ligando certos aspectos dos discursos às condições de produção e reconhecimento dos mesmos. O ponto de intersecção entre Veron e Fairclough, defendemos, é que os discursos estão indissociavelmente ligados a práticas sociais, muito embora não possam ser confundidos com as próprias práticas sociais em si mesmas.

Partimos do pressuposto de que a realidade é uma construção social mediada pelos processos languageiros. O cotidiano, dizem Berger e Luckmann (1985), é a realidade por excelência e se impõe objetivamente, mas é um mundo que se constrói, também, no e a partir do pensamento e das ações dos indivíduos. O que chamamos de real é engendrado, portanto, pelo menos em uma das suas dimensões, nas mentes humanas, por discursos e representações. Ao mesmo tempo, em meio aos processos languageiros, as sociedades contemporâneas convivem e se entrelaçam com diferentes dispositivos de mídia, com efeitos que reconfiguram, profundamente, a dinâmica da sociedade e da cultura. A miatização, neste sentido, atuaria como uma espécie de ponte entre sujeitos e aparatos



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

técnicos, que juntos operariam na construção da realidade social, realocando o discurso a uma nova dimensão na dinâmica societária.

A ideia é que práticas sociais estão relacionadas, necessariamente, a práticas discursivas. Pensar na relação social-discurso é ter em conta o modo pelo qual a sociedade constitui-se enquanto objeto de significado, em ações concretas, por meio da linguagem. A ideia de uma dialética entre discurso e estrutura social encontra eco nos estudos sobre mediação. Se a mediação refere-se à inter-relação entre mudanças nos meios de comunicação, de um lado, e as mudanças na cultura e na sociedade, de outro (Hepp, 2014), é possível se pensar de que maneira acontece essa relação dinâmica e qual parte cabe ao discurso neste processo.

Buscaremos, deste modo, articular, teoricamente, a produção discursiva, em meio aos processos de mediação, tendo como ponto de partida a noção de cotidiano. Em um primeiro momento, discutiremos os fundamentos da realidade cotidiana e sua relação com os processos de mediação da sociedade e da cultura. Em seguida, apresentamos o pensamento de Verón e Fairclough sobre discurso. Ao final, tentaremos articular estes pontos para apontar o papel do discurso na construção do cotidiano em meio aos processos de mediação.

1. Cotidiano

O cotidiano se apresenta como um mundo objetivo e ordenado, isto é, seus elementos estão dispostos antes mesmo de qualquer consideração a respeito de seus fundamentos históricos e se materializa de maneira concreta, através da exteriorização de sentido em dispositivos materiais. Os seres humanos, ao se constituírem enquanto sujeitos, dizem Berger e Luckmann (1985), projetam seus processos mentais em materialidades, em um processo contínuo e infinito de objetivação da subjetividade. Ao mesmo tempo, o cotidiano é uma realidade eminentemente interpretada e subjetivamente dotada de sentido. Para que se forme um quadro coerente, a realidade cotidiana precisa se firmar em mentes e corações enquanto um universo simbólico que ordena a história e as biografias de cada indivíduo, situando-os no espaço-tempo e os munindo de discursos e



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

representações. Assim, a realidade social é fundamentada em inter-relações e é apreendida como um mundo intersubjetivo, em que cada indivíduo compartilha com outros as mesmas referências em relação à realidade (Berger & Luckmann, 1985).

O cotidiano se constrói a partir da linguagem e seus decorrentes processos de objetivação. Seres humanos, desde os primórdios da humanidade³, exteriorizam continuamente a experiência humana e a partir dela constroem o mundo social - que, posteriormente, ganha uma semi-autonomia em relação à linguagem. É a partir da linguagem que o mundo social se organiza, que seus elementos e arranjos são passados, dispostos como fatos passados e projetados à frente. A compreensão da linguagem, por cada indivíduo, é de fundamental importância para a compreensão e internalização da realidade da vida cotidiana. Por meio da linguagem, as mais diversas experiências são compartilhadas e tornadas acessíveis para um número indefinido de indivíduos dentro de uma comunidade linguística comum, criando um acervo de conhecimento coletivo.

A linguagem torna-se, assim, “o depósito de um grande conjunto de sedimentações coletivas, que podem ser adquiridas monoteticamente, isto é, como totalidades coerentes e sem reconstruir seu processo original de formação” (Berger & Luckmann, 1985, p.97). A linguagem é a ferramenta que institui a ordenação por excelência, não qualquer ordenação, mas aquela da ordem da “consagração, de entronização em uma categoria sagrada” (Bourdieu, 1996, 39), no sentido do processo pelo qual uma formação social determinada é estabelecida como a única dentre outras possíveis.

As estruturas do cotidiano transformam-se naquilo que Bourdieu chama de ‘pensamento substancialista’, isto é, do senso comum, em que a avaliação sobre um grupo de atividades ou opiniões a respeito do espaço social ganham o estatuto de naturais, biológicas e essenciais. Em outras palavras, tornam-se culturais. Todavia, como mostrou o sociólogo francês, as realidades são mutáveis, práticas sociais mudam de acordo com o tempo e se reposicionam no interior dos diferentes grupos. Não há imanência em práticas e representações sociais, de modo que é necessário “cuidar-se para não transformar

³ GIOVANNINI, G. *Evolução na Comunicação: do sílex ao silício*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

propriedades necessárias e intrínsecas de um grupo qualquer as propriedades que lhes cabe, em um momento dado, a partir de sua posição em um espaço social determinado e em uma dada situação de oferta de bens e práticas possíveis” (Bourdieu, 1996, p.16).

No processo de construção social da realidade, Berger e Luckmann (1985) apontam para outro ponto importante deste fenômeno: a institucionalização. A institucionalização está intimamente ligada ao hábito, a atos frequentemente repetidos e que, pelo fato de se tornarem casuais, conservam um caráter plenamente significativo para os indivíduos de dada comunidade. Dito de outro modo, a partir de ações continuamente repetidas, criam-se rotinas e o significado destas ações são armazenados no acervo geral do conhecimento coletivo, com seus atores, cenários, papéis, objetos e atuações. Isto é, tornam-se 'casos esperados' e certos, tornam-se, ao longo do tempo, aspectos da tradição, aquilo que é facilmente identificável e está inscrito na memória coletiva.

O mundo institucional ganha um caráter 'natural' e é experimentado como realidade objetiva, inclusive, e sobretudo, como um poder coercitivo sobre os indivíduos, “tanto por si mesmas, pela pura força de sua facticidade, quanto pelos mecanismos de controle geralmente ligados às mais importantes delas” (Berger & Luckmann, 1985, p.86). O ser humano é capaz, então, de criar um mundo que experimenta como algo diferente de um produto humano, embora o seja, desde o início. Berger e Luckmann enfatizam esse ponto: apesar da objetivação na passagem a gerações, tudo que é objetivado é produto humano, uma relação dialética entre produtor e produto.

A característica dominante da vida cotidiana é a espontaneidade. A assimilação do comportamento consuetudinário, das exigências sociais e de praticamente a totalidade dos direcionamentos na vida cotidiana, se dá de maneira imediata, de modo que esta acontece de maneira não tematizada, o que exige um alto grau de espontaneidade, sem o que “não poderíamos realizar nem sequer uma fração das atividades cotidianas imprescindíveis; e, assim, tornar-se-iam impossíveis a produção e a reprodução da vida da sociedade humana” (Heller, 2016, p.65). Embora afirmar que toda atividade cotidiana seja espontânea seria um erro, fato é que a espontaneidade é a tendência de qualquer atividade



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

cotidiana. Na verdade, trata-se de um pressuposto de qualquer ato considerado habitual e dentro do comportamento consuetudinário.

É através do cotidiano que os indivíduos assimilam as relações sociais - em um primeiro momento, por grupos, como a família e a escola, na medida em que estas dimensões da vida social realizam um trabalho de mediação entre o indivíduo e diferentes esferas societárias. Quando Rousseau (2005) chama a família de ‘sociedade’, trata-se justamente da compreensão de que este ‘grupo’ é um ponto central na mediação de um *ethos* societário. “A mais antiga de todas as sociedades, e a única natural, é a da família. Ainda assim, só se prende os filhos ao pai enquanto dele necessitam para a própria conservação. Desde que tal necessidade cessa, desfaz-se o liame natural” (Rousseau, 2005, p.112). Quando se diz, então, que determinado indivíduo amadureceu, diz-se que ele adquiriu, em uma dada formação social, as habilidades imprescindíveis para a vida cotidiana. Em outras palavras, é considerado adulto aquele que, sozinho, consegue viver de acordo com a lógica cotidiana. Ao chegar à idade adulta, o indivíduo deve dominar, de maneira mais espontânea e mais natural possível, as particularidades da lógica do cotidiano. Neste movimento, ao tomar conhecimento e assimilar a lógica do cotidiano, assimila-se (e aceita), também, as relações sociais (Heller, 2016).

A atitude da vida cotidiana é absolutamente pragmática. Nestes termos, há uma correspondência entre pensamento e ação que implica na “inexistência de diferença entre ‘correto’ e ‘verdadeiro’ na cotidianidade; o correto é também ‘verdadeiro’” (Heller, 2016, p.72). O correto, na lógica cotidiana, é aquilo que, de alguma maneira, nos ajuda e possibilita seguir, sem grandes dificuldades práticas, na cotidianidade. Trata-se do que é útil, que foi usado e atestado como prático, aquilo que, de alguma maneira, o hábito torna imprescindível. Cabe, no entanto, salientar - ainda que seja um truísmo - que o correto erigido como verdadeiro pela lógica cotidiana não compreende aquilo que, ou se necessariamente se aproxima do que, denominamos como verdade. Trata-se, simplesmente, de uma estratégia, histórica e socialmente construída, em que os indivíduos se fiam, imbuídos de fé e/ou confiança, para transitar pelas malhas do cotidiano.



2. Mídia e cotidiano

Apesar das contribuições basilares de Berger e Luckmann (1985) à noção de construção da realidade social, os dois autores passaram ao largo de uma temática imprescindível aos dias de hoje, que é o papel estruturante dos meios de comunicação na construção social da realidade contemporânea. Berger e Luckmann não negaram que o social fosse mediado, no sentido amplo do termo, isto é, que os seres humanos se utilizassem de diversos filtros, naturais e tecnológicos, para acessar à realidade. No entanto, como confirmado por Couldry e Hepp (2016), Berger e Luckman não disseram quase nada sobre os meios de comunicação.

Da linguagem, analisada à exaustão por Berger e Luckmann enquanto principal instrumento de objetivação no processo de construção social da realidade, chega-se, com Couldry e Hepp, à ação comunicativa. De acordo com Couldry e Hepp, a ação comunicativa é o processo básico de construção social da realidade. Os autores sustentam que a “comunicação é um conjunto de práticas pelas quais nos damos sentido ao nosso mundo, construímos arranjos (simples ou complexos) para coordenar nosso comportamento” (Couldry & Hepp, 2016. p.24). A ideia é que, neste esteio, a comunicação mediada tem, hoje, um papel de suma importância na construção social da realidade. O mundo social e sua realidade cotidiana é, defendem Couldry e Hepp, um conceito inextricavelmente ligado à ação, e a comunicação tem um papel basilar nesse processo.

A ideia de ação comunicativa e reverberações na construção da realidade cotidiana está relacionada à materialidade do social, isto é, que o cotidiano é socialmente construído. Couldry e Hepp convergem, neste momento, com o posicionamento de Berger e Luckmann quando afirmam que o social ‘não é um estrato ‘pré-determinado’ no qual os seres humanos estão inseridos, mas um produto da própria interação humana, com todas as suas relações de poder e desigualdades” (Couldry e Hepp, 2016, p. 51). O mundo social, segundo Couldry e Hepp, é baseado, eminentemente, na ação cotidiana. Se o cotidiano se mantém é porque os indivíduos reconhecem e aceitam as regras como comuns .



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Quando, então, meios de comunicação e suas infraestruturas tornam-se, paulatinamente, cruciais para as práticas cotidianas, tem-se um cenário qualitativamente diferente. Couldry e Hepp convocam, neste momento, a noção de *mediatização* ou *mediatização* para pensar essa nova ambiência em que os meios de comunicação têm um papel basilar na construção social da realidade. Neste cenário, as práticas sociais estão interconectadas aos novos dispositivos tecnológicos, adaptando-se às suas lógicas e linguagens, o que reconfigura as ações comunicativas, portanto as formas pelas quais os indivíduos agem no cotidiano. Quando se fala de mídia ou de meios de comunicação, não se trata dos meios *mainstream* apenas, mas das várias plataformas digitais envolvidas, hoje, na prática cotidiana. *Mediatização*, nestes termos, seria abreviação “para todas as transformações dos processos comunicativos e sociais e as formas sociais e práticas construídos a partir deles, que decorrem de nossa crescente dependência de processos de mediação baseados tecnológica e institucionalmente” (Couldry e Hepp, 2016, p.47). Os processos de *mediatização* da cultura e da sociedade reconfiguram, assim, qualitativamente, a lógica cotidiana.

Para Muniz Sodré (2021), a *mediatização* está no bojo de um processo de construção de um novo espaço, o qual ele chama ‘*bios midiático*, com grandes consequências nas coordenadas do espaço e tempo - portanto, na construção social da realidade. De acordo com ele, a *mediatização* é um fenômeno intimamente vinculado à transformação no modo de acumulação de capital, que enseja um novo ecossistema existencial pautado, de maneira exacerbada, pela financeirização de praticamente todos os espaços de experimentação do que concebemos enquanto cotidiano. Espaços da vida cotidiana antes intocados, estão, agora, enredados pela lógica de produção capitalista.

O *bios midiático*, defende Sodré (2021), é uma nova racionalidade social, marcadamente assentada sob os ditames do capital financeiro, que cria um modo de estar no mundo marcado pela velocidade dos telefluxos dos dispositivos eletrônicos e sua implacável imbricação na dinâmica da vida cotidiana. *Mediatização* não é senão o nome para sociedade neoliberal avançada, e o advento e estabelecimento da internet, com tudo o que ela implica em termos sociopolíticos, foi determinante para este processo, como



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

explica Muniz Sodré: “O processo é por inteiro uma convergência de fenômenos financeiros, tecnológicos e político-sociais, mas o ciberespaço (ou a internet) está no centro da mutação civilizatória [...]” (Sodré, 2021, p.70).

Com a midiatização, estabelece-se, de acordo com Muniz Sodré, o que ele chama de cultura algorítmica, uma série de mutações socioeconômicas atreladas à hegemonia do capital financeiro, que irá descambar em um conjunto de questionamentos à cidadania, qualificando o que Sodré chama de ‘sociedade incivil’: um ordenamento humano regido globalmente por “tecnologias de comunicação, solidárias à transformação no modo de acumulação do capital, à desestabilização das formas clássicas de representações do mundo, mas também ambigualmente atravessadas pela incitação generalizada à reinvenção institucional” (Sodré, 2021, p.20). A política, em sua forma parlamentar, daria espaços a formas mais abstratas de controle social, tal qual aquelas sustentadas pelas novas tecnologias de comunicação e informação, sob o esteio de grandes empresas globais.

A algoritmização do mundo, um movimento resistente à regulação do Estado e articulador de formas novas de institucionalização, marca o uso, cada vez maior, de processos e ferramentas computacionais no cotidiano. Como aponta Gillespie (2018), “à medida que adotamos ferramentas computacionais como nossos principais meios de expressão, passamos a sujeitar o discurso e o conhecimento humano a essas lógicas procedimentais que sustentam toda a computação” (Gillespie, 2018, p.97). Nos dias atuais, algoritmos estão, cada vez mais, em um crescendo, produzindo e certificando conhecimento - são os algoritmos de relevância pública - sem que se saiba muito a respeito deles, como lembra Morozov (2005). Isto é, a lógica algorítmica coordena, hoje, espaços vitais da vida cotidiana, às escuras, particularmente na distribuição de conhecimento. “A avaliação algorítmica da informação, assim, representa uma lógica de conhecimento particular baseada em suposições específicas sobre o que é o conhecimento e como alguém deveria identificar seus componentes mais relevantes.” (Gillespie, 2018, p.97).



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Miatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Couldry e Mejias (2019) chama de colonialismo de dados (*data colonialism*) a forma pela qual os processos de midiatização da sociedade e da cultura tornam as principais esferas da vida cotidiana em fontes capazes de gerar lucro a partir da extração massiva de dados de cada filamento do cotidiano. Em um paralelo com a experiência colonial, enquanto uma forma de organização econômica e social que se volta para a exploração do território e dos recursos destes espaços conquistados, os autores estabelecem que o colonialismo de dados avança no projeto de colonizar a vida humana em sua completude. “Colonialismo de dados refere-se à apropriação externa, parcial ou completa, de dados que estão fora do controle das pessoas de quem os dados são gerados. Esta apropriação externa é o que torna possível que a exploração desses dados seja rentável” (Couldry & Mejias, 2019, p.37).

Como Couldry e Hepp (2016, p.187) colocaram em evidência, as sociedades contemporâneas chegaram a um nível tal, com a produção e armazenamento de dados em praticamente todos os âmbitos do cotidiano, que se tornaram ingerenciáveis (*unmanageable*) sem os processos de automação ligados à cultura algorítmica. “Tais processos de automação”, dizem os autores, “não são um caso especial, ou restritos a grandes instituições, como departamentos governamentais: elas se tornaram, para muitos, o pano de fundo geral do cotidiano” (Couldry & Hepp, 2016, p.187). E esses dados estão nas mãos, sobretudo, em grandes corporações, com pouca ou praticamente nula mediação governamental em defesa do interesse público dessas informações.

3. O discurso e a construção social da realidade

Neste momento, trataremos as contribuições de Eliseo Veron e Norman Fairclough sobre discurso, a fim de pensar como a produção discursiva se relaciona, de alguma maneira, aos processos de midiatização da sociedade e da cultura. Para Eliseo Verón (2004), o que é produzido, o que circula e o que produz efeitos dentro de uma sociedade são sempre discursos. Nestes termos, seria impossível pensar os processos de midiatização hoje sem relacioná-los, também, a um processo contínuo de produção de



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

discursos, em diferentes âmbitos da sociedade, provenientes de lógicas humanas e, de alguma maneira, não-humanas.

Quando um discurso é relacionado com os mecanismos de base do funcionamento social enquanto condições de produção de sentido, tem o que Verón chama de ideológico. Como o semiólogo franco-argentino pontua, “o ideológico não tem nada a ver com a problemática do verdadeiro e do falso, tampouco com noções tais como ocultação, falsa consciência, deformação do ‘real’” (Verón, 1980, p.57). O ideológico tratado por Verón é “o nome do sistema de relações entre um discurso e suas condições (sociais) de produção. A análise ideológica é o estudo dos traços que as condições de produção de um discurso deixaram na superfície discursiva (Verón, 1980, p.56).

Para Verón, é na semiose, na produção de sentido, que a realidade social é construída. A teoria do discursos sociais proposta por ele não é senão um conjunto de hipóteses sobre os modos de funcionamento da semiose social: I) Toda produção de sentido é necessariamente social: não se pode descrever nem explicar satisfatoriamente um processo significativo sem explicar suas condições sociais produtivas; II) Todo fenômeno social é, em uma de suas dimensões constitutivas, um processo de produção de sentido, qualquer que seja o nível de análise. Portanto, de acordo com o pensamento de Verón, “apenas no nível da discursividade o sentido manifesta suas determinações sociais e os fenômenos sociais revelam sua dimensão significativa” (Verón, 1980, p.114).

Uma prática social, qualquer que seja ela, está relacionada a processos de significação. Ao mesmo tempo, toda produção de sentido depende do social, de modo que é impossível conceber qualquer fenômeno de sentido à margem do trabalho significativo de uma cultura e de uma sociedade determinada. Como Verón (2004) sublinhou, não se pode descrever nem explicar satisfatoriamente um processo significativo sem explicar suas condições sociais produtivas. Trata-se de ter qualquer fenômeno social como investido de sentido. E, como Verón também pontuou, do ponto de vista da análise do sentido, o ponto de partida não pode ser senão o sentido produzido, isto é, objetivações sociais.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Assim, a contribuição de Eliseo Verón à noção de construção social da realidade é rica na medida em que coloca a produção de discursos como elemento fundante do processo de engendramento, institucionalização e sedimentação da ordem social. Ademais, o discurso é basilar na construção e posterior acúmulo de conhecimento, uma vez que a produção de sentido está intimamente relacionada à operação de discursos. Ao dar importância central a semiose social, ao processo de construção de sentido, Verón traz ao discurso como uma espécie de parâmetro do social: é através de traços neste discurso que podemos compreender parte do funcionamento da realidade cotidiana e suas formas de significação, bem como suas relações de poder e do ideológico.

Ideia semelhante, embora diversa, teve o linguista britânico Norman Fairclough, um dos pioneiros da vertente conhecida como Análise Crítica do Discurso (ACD). À época, a linguística estava cada vez mais envolvida com correntes pragmáticas que acentuavam o caráter contextual da construção de sentido e a relação dinâmica entre língua e sociedade. Enquanto abordagem teórico-metodológica, a ACD propõe-se a investigar as formas pelas quais os textos operam na reprodução, manutenção e transformação do social. Trata-se de uma abordagem que se volta ao modo pelo qual as estruturas sociais se imiscuem e se engendram na linguagem/discurso, em uma relação dialética entre discurso e sociedade na construção da realidade cotidiana.

O objeto de estudo são discursos e os contextos sociais nos quais esses mesmos discursos nascem e circulam, um empreendimento próximo aos postulados da pragmática, com a exceção de que, neste momento, o que menos importa é a interpretação dos textos, mas os efeitos práticos, podemos dizê-lo, na realidade cotidiana desta relação dialética. A ACD busca aliar, portanto, processos discursivos e estruturas sociais, de modo a conceber como os indivíduos constroem significados e se relacionam com a produção de textos na sociedade.

Um tema perseguido por Fairclough, enquanto método de pesquisa, é analisar a maneira pela qual a linguagem - e seu corolário, o discurso - é usada para reproduzir, manter e, também, modificar o mundo social. A ideologia, desde uma perspectiva



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

marxista, se refere a formas de ver o mundo que contribuem na manutenção dos sistemas e relações de poder. A partir da noção de hegemonia, a ACD vê na linguagem um espaço de luta irregular de poder e, assim, da hegemonia. Por hegemonia, Fairclough entende o poder sobre a “sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente” (Fairclough, 2001, p.122). A ideia basilar é que “as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder” (Fairclough, 2001, p.121).

Para Fairclough, “o discurso é socialmente constitutivo e contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem” (Fairclough, 2001, p.32). Há uma relação dialética entre discurso e sociedade. Enquanto a sociedade molda e impõe restrições ao discurso, o próprio discurso constitui e constrói, discursivamente, o social, de modo que é impensável pensar em um sem relacioná-lo com o outro.

Fairclough (2010) defende que toda prática social é “uma articulação de elementos sociais diversos em uma configuração relativamente estável, sempre incluindo o discurso” (Fairclough, 2010, p.225). A ACD está interessada na relação dialética entre o discurso e os demais elementos das práticas sociais, com especial importância ao primeiro, no papel da semiose social na reprodução, manutenção e transformação da realidade cotidiana. No entanto, ressalva: “Não é possível assumir o papel do discurso nas práticas sociais como dado, devendo ele ser estabelecido a partir da análise. E o discurso pode ser mais ou menos importante em conjuntos específicos de práticas, além de poder mudar no/com o tempo” (Fairclough, 2010, p.226).

4. Um elo: a semiose social

O objetivo deste artigo foi aproximar a discussão da construção social da realidade à produção de discursos sociais. Elegemos, para isso, as contribuições de Eliseo Verón e



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

Norman Fairclough no âmbito do discurso. Ao mesmo tempo, consideramos os processos de mediação da cultura e da sociedade como um salto qualitativo tanto no que diz respeito aos mecanismos de construção da realidade cotidiana como à produção discursiva. Embora não tenham tratado de temas atuais como big data e as formas pelas quais grandes quantidades de dados são gerenciados, armazenados e relacionados, Eliseo Verón e Fairclough apontam a centralidade do discurso na construção do mundo social e de que maneira se pode pensar a realidade cotidiana através deles.

Verón e Fairclough, cada um à sua maneira, enfatizam a importância do discurso na constituição da realidade cotidiana. Se para Verón não há sentido fora da semiose, para Fairclough, de um mesmo modo, não há prática social sem que perpassa o universo de construção de sentido. Para os dois, o discurso detém um papel ativo e importante na construção da realidade cotidiana na medida em que é através dele que a linguagem é colocada em ação e se constrói, de maneira dialética, possibilidades de reprodução, manutenção e, também, de contestação do social.

Ambos os autores concebem a realidade social intimamente ligada à produção de discursos, na medida em que o social compreende, necessariamente, sentido, de modo que tudo que é societário tem um valor semiótico, mediado por signos - portanto propenso a ser institucionalizado, sedimentado na base, cumulativa e histórica, do conhecimento social, e ser mobilizado em discursos. Estes, por sua vez, representam e refratam uma outra realidade, que é exterior à dinâmica discursiva - a realidade cotidiana. O discurso, bem como o signo, como bem assinalou Mikhail Bakhtin, só emerge no social, de modo que um indivíduo sozinho ou uma hipotética consciência individual isolada não consegue gerar sentido.

Isto de maneira alguma significa dizer que a produção de discursos, por si só, seja capaz de alterar a própria dinâmica da sociedade - tese rechaçada tanto por Verón quanto por Fairclough. O que há é uma relação dialética entre esses dois pólos, sob mediações a serem consideradas, desde aspectos cognitivos a tecnológicos. Para Verón, quando as condições de produção do discurso mudam, o discurso também muda, de modo que é de se esperar que, quando houver algum tipo de alteração na dinâmica social, isso se reflita, de



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

alguma maneira, em uma dimensão discursiva, e vice e versa. Segundo Fairclough, “é importante que a relação entre discursos e estrutura social seja considerada com dialética [...] : de um lado, na determinação social do discurso e, de outro, na construção do social do discurso.” (Fairclough, 2001, p.92).

Os processos de mediação, como já apontado por Couldry e Hepp neste trabalho, complexificam os mecanismos de construção da realidade social na medida em que coloca em evidência a mediação das novas tecnologias em grande parte das práticas sociais contemporâneas. As mudanças na paisagem midiática, que acompanham as consecutivas ondas de mediação, implicam numa complexificação dos processos comunicacionais, sobretudo por conta do acúmulo de diferentes regimes de circulação que estão em convivência e em tensionamento. Há uma produção discursiva que se insere na nova lógica de circulação de sentido, cujo centro é cada vez mais difícil de precisar.

O ambiente midiático contemporâneo integra múltiplas mídias mutuamente implicadas: existe um processo de aprofundamento das inter-relações tecnológicas, com diferentes dispositivos articulados, que implicam numa conectividade contínua e um consumo integrado dos conteúdos. Com o aprofundamento da mediação, portanto, surgem novas práticas cotidianas, que formam repertórios midiáticos e, conseqüentemente, atravessam múltiplos meios (Couldry & Hepp, 2013). Neste cenário, instalam-se formas de contato que são em grande parte mediados e mediados pelos dispositivos conectados à internet. As práticas sociais estão interconectadas aos novos dispositivos tecnológicos, adaptando-se às suas lógicas e suas linguagens.

Embora a mediação não se resume a processos de significação, o discurso deve ter um papel de destaque nos estudos que querem compreender este cenário emergente e em constante transformação. Acreditamos que as contribuições de Eliseo Verón e Norman Fairclough são úteis para a compreensão da construção da realidade cotidiana na medida em que ambos destacam a relação dialética entre discurso e sociedade. O próprio Verón, em diversas produções, destaca o papel dos processos de mediação nas sociedades contemporâneas, desde uma perspectiva institucional da mediação a uma abordagem



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

antropológica. Fairclough, por sua vez, compreende uma gama de fatores nas práticas sociais, dentre eles dispositivos tecnológicos.

Como Sublinhou Figueiredo (2020), a midiatização “projeta efeitos de sentido e impactos linguísticos, discursivos e sociais para além da interação, do circuito comunicativo e do contexto enunciativo, perpassando práticas discursivas e não-discursivas” (Figueiredo, 2020, p.5-6). Com efeito, o discurso não se resume às bordas da linguagem, mas tem aspectos materiais: são dialeticamente postos e se materializam em corpos, movimentos, gestos, posturas, gestos, etc. (Fairclough, 2010). Os processos de midiatização, de modo rizomático e aparentemente perene, se estabelece de maneira crescente nas práticas sociais, que por sua vez compreende o discurso. Para se entender a midiatização, deve-se compreender, também, a maneira que a produção social de discursos se implica neste processo.

Referências

- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Editora Hucitec, 1981.
- BOURDIEU, P. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papyrus Editora, 1996.
- BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1985
- COULDRY, Nick e MEJIAS, Ulises. **The costs of connection (how data is colonizing human life and appropriating it for capitalism)**. Stanford, Stanford University Press, 2019.
- COULDRY, NICK. *Media, Society, World – Social Theory and digital media practice*. Cambridge, Polity Press, 2012.
- COULDRY, Nick. **Mediatization or mediation? Alternative understandings of the emergent space of digital storytelling**. *New media & society*, 10 (3), p. 373-391, 2008.
- COULDRY, Nick & HEPP, Andreas. **The mediated construction of reality**. John Wiley & Sons, 2016.



Anais de Artigos

V Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

_____. **Analyzing discourse: textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003.

_____. A dialética do discurso . **Revista Teias**. v. 11, n. 22 , p. 225-234. 2010

FERREIRA, G. M.; SANTANA, C. S. **Contribuições de Eliseo Verón para o estudo do discurso**. Intercom. Natal, 2015.

FIGUEIREDO, I. V. **Mídia e Discurso: possibilidades dialéticas para investigação do objeto comunicacional**. IV Seminário Internacional de Pesquisas em Mídia e Processos Sociais. PPGCC-Unisinos. São Leopoldo, RS, 2020.

GILLESPIE, T. **A relevância dos algoritmos**. *Parágrafo*, v. 6, n. 1, p. 95–121, 29 jun. 2018.

GIOVANNINI, G. **Evolução na Comunicação: do sílex ao silício**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. 11ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

HJARVARD, S. **A mídia e a cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2014.

MOROZOV, E. **Le mirage numérique: Pour une politique du Big Data**. Paris: Les Prairies Ordinaires, 2015.

KRISTEVA, J., *Recherches pour une sémanalyse*, Paris, Seuil, 1969.

KROTZ, F. Mediatization as a mover in modernity: social and cultural change in the context of media change. *In: Mediatization of communication*. [s.l.] Handbooks of Communication Science, 2014. p. 03–38.

Melo, I. F. Análise crítica do discurso: modelo de análise linguística e intervenção social . **ESTUDOS LINGUÍSTICOS**, São Paulo, 40 (3): p. 1335-1346, set-dez 2011.

ROUSSEAU, J. **Do contrato social: Ensaio sobre a origem das línguas**. Vol.1. São Paulo: Editora Nova Cultura, 2006.

Sodré, M. **A Sociedade Incivil: mídia, liberalismo e finanças**. 1.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021



Anais de Artigos
V Seminário Internacional de Pesquisas
em Midiatização e Processos Sociais

ISSN 2675-4169

Vol. 1, N. 5 (2022)

____. **A ciência do comum: notas para o método comunicacional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

VERÓN, E. Esquema para el análisis de la mediatización. **Dialogos de la Comunicación**, 1995.

_____. La Semiosis Social. 1ed. Barcelona: Gedisa, 1993

_____. A produção do Sentido. Ed. da Universidade de São Paulo. São Paulo: Cultrix, 1980

____. Mediatization theory: a semio-anthropological perspective and some of its consequences. **Matrizes**, v. 8, n. April, p. 1–8, 2014

____. **Fragmentos de um Tecido.** São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2004.

____. **Le semiosis social 2: Ideas, momentos, interpretantes.** 1º ed. Buenos Aires: [s.n.].

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia.** 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VAN DIJK, T. A.. Context and language. Discourse and context: a socio-cognitive approach. Cambridge University Press. 2008b.